

A ANTIGÜIDADE CLÁSSICA NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS.

(1988)

[.....]

Com certo instinto, ele [Machado de Assis] integrou-se na civilização do universal; inteligente, decompô-la e abraçou-a; reto, serviu-a devotado. Percebeu que a cultura clássica, *lato sensu*, constitui expressão adequada e alta desta civilização do universal e escolheu-a decidido como forma de pensamento e de expressão.

Convencido disto há muito tempo, folguei quando vi fazer o mesmo asserto, palmilhando embora outros caminhos, um dos maiores e mais lúcidos ensaístas contemporâneos brasileiros, o jornalista Otávio Tirso de Andrade. Tratava ele de uma forma de neo-racismo, que de certo modo empolgou alguns setores do pensamento europeu e se tornou bandeira de luta da esquerdência brasileira, empenhada agora em despertar e espevitar uma “consciência negra”, que antes nunca existira e que seria a feição cabloca do *Volkgeist*. Assim conclui Tirso de Andrade seu brilhante artigo “Neo-racismo”, publicado no matutino carioca *Jornal do Brasil* (8-2-88, 1º caderno, p.11):

A prova do acerto da definição de neo-racismo formulada pelo autor de *La Défaite de la Pensée* nos é dada por sabermos que o maior, o mais inteligente, o mais autenticamente universal de todos os ficcionistas brasileiros, o genial mulato Machado de Assis, jamais se alistaria entre os partidários da *identidade cultural*, que anda por aí a bradar: Axé!

Podemos identificar a presença da cultura clássica na obra de Machado de Assis, atentando nestes três aspectos: 1. frequência de remissões a fatos da história grega e da romana e alusões à mitologia e à literatura; 2. repetido aproveitamento de autores pinaculares da fase clássica das literaturas modernas (e aqui destaco Shakespeare); 3. o extremo cuidado que pôs na correção da linguagem, exemplarmente vernácula.

É realmente notável nele a porfiada, quase obsessiva busca do termo próprio, do adjetivo insubstituível, a sistemática fuga ao verbalismo, ao tropicalismo, à ênfase. A este propósito já disse eu dele que, contrariando tudo o que se poderia esperar de um suposto recalçado, mulato, pobre, epilético, de só escolaridade primária, contrariando tudo, nos saiu um grego do século de Péricles!

Seria intolerável, e descortês, que fosse documentar exaustivamente o que acima alinhei como provas da presença, viva e atuante, da antiguidade

clássica na obra machadiana. Contentar-me-ei, pois, em transcrever, eventualmente comentando-os, alguns tópicos do que ficou em livro, desde as primeiras manifestações da juventude até os escritos da pródiga velhice.

Na poesia (de valor indiscutivelmente menor), apontamos para “Uma ode de Anacreonte”, composta entre os vinte e seis e os trinta anos, peça de imitação, onde ele aproveita onze versos de certa tradução de Castilho e põe, em oito cenas, um diálogo entre Lísias, Cléon, Mirto e três escravos, tudo passado em Samos. Versos alexandrinos clássicos e rimados, 435, que já para o fim alternam com dissilábicos agudos. Em “Pálida Elvira”, poema a que antecede uma evocação de Ulisses, tirada a Stern, a décima sexta estrofe começa com um verso de Virgílio, das *Éclogas* (III, 93):

- *Latet anguis in herba*... Neste instante
 Entrou a tempo o chá... perdão, leitores,
 Eu bem sei que é preceito dominante
 Não misturar comida com amores;
 Mas eu não vi, nem sei se algum amante
 Vive de orvalho ou pétalas de flores;
 Namorados estômagos consomem;
 Comem Romeus, e Julietas comem.

(*Poesias Completas*, ed. Garnier, p. 143.)

O poema “Clódia”, todo romano, assim termina:

.... Ingrata e fria,
 Lésbia esqueceu Catulo. Outro lhe pede
 Prêmio à recente, abrasadora chama;
 Faz-se agora importuno o que era esquivo.
 Vitória é dela; o arúspice acertara. (p. 351)

Nos romances da primeira fase, inferiores, como se sabe, meio convencionais e marcados por jogos de situação, muito raras ocorrem alusões à antiguidade. Creio que não serão muito mais que este passo de *A Mão e a Luva* (1874):

Eu, que sou o Plutarco desta dama ilustre, não deixarei de notar que, neste lance, havia nela um pouco de Alcibíades, – aquele gamenho e delicioso homem de Estado, a quem o despeito também deu forças um dia para suportar a frugalidade espartana. (p. 132, ed. Garnier.)

O primeiro grande romance, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, apresenta-se recheado de tais reminiscências, de que arrolo algumas:

Por exemplo, Suetônio deu-nos um Cláudio, que era um simplório, – ou “uma abóbora” como lhe chamou Sêneca, e um Tito, que mereceu ser as delícias de Roma. Veio modernamente um professor e achou meio

de demonstrar que dos dous césaes, o delicioso, o verdadeiro delicioso foi o “abóbora” de Sêneca. (p. 9 da 4ª ed. Garnier.)

Que, em verdade, há dous meios de granjear a vontade das mulheres: o violento, como o touro de Europa, e o insinuativo, como o cisne de Leda e a chuva de ouro de Dânae, três inventos do padre Zeus, que, por estarem fora da moda, aí ficam trocados no cavalo e no asno. (p. 51.)

Nos primeiros dias meti-me em casa, a fisgar moscas, como Domiciano, se não mente o Suetônio, mas a fisgá-las de um modo particular: com os olhos. (p. 295.)

Não tinha remorsos. Se possuísse os aparelhos próprios, incluía neste livro uma página de Química, porque havia de decompor o remorso até os mais simples elementos, com o fim de saber de um modo positivo e concludente, por que razão Aquiles passeia à roda de Tróia o cadáver do adversário, e Lady Macbeth passeia à volta da sala a sua mancha de sangue. (p. 324.)

Não tinha vasto alcance o objeto da pergunta; mas ainda assim demonstrei que não era indigno das cogitações de um homem de Estado; e citei Filopêmen, que ordenou a substituição dos broquéis de suas tropas, que eram pequenos, por outros maiores, e bem assim as lanças, que eram demasiado leves; fato que a História não achou que desmentisse a gravidade de suas páginas. (p. 337.) [Brás Cubas, na Câmara dos Deputados, perguntara ao Ministro se não era útil diminuir a barretina da Guarda Nacional.]

– Há de lembrar-se, disse-me o alienista, daquele famoso maníaco ateniense que supunha que todos os navios entrados no Pireu eram de sua propriedade. Não passava de um pobretão, que talvez não tivesse, para dormir, a cuba de Diógenes; mas a posse imaginária dos navios valia por todas as dracmas da Hélade. Ora bem, há em todos nós um maníaco de Atenas; e quem jurar que não possuiu alguma vez, mentalmente, dous ou três patachos, pelo menos, pode crer que jura falso. (p. 370.)

O romance que se segue, *Quincas Borba*, já é bastante mais parco em grejuices e romanices. Lembro estas duas:

Os seus eclipses [da lua] (perdoe-me a astronomia) talvez não sejam mais que entrevistas amorosas. O mito de Diana descendo a encontrar-se com Endimião bem pode ser verdadeiro. Descer é que é de mais. Que mal há em que os dous se encontrem ali mesmo no céu, como os grilos entre as folhagens cá de baixo? A noite, mãe caritativa, encarrega-se de velar a todos. (p. 64 da ed. Garnier.)

Ou muito me engano (e então se me releve a ignorância), ou laborou em equívoco Machado de Assis. Terá feito confusão, identificando Ártemis, ou

Diana, com Selene. Nunca vi tal identificação. Terá o mestre tomado a nuvem por Juno, chamando à Lua Diana?

Perdoem-lhe esse riso. Bem sei que o desassossego, a noite mal passada, o terror da opinião, tudo contrasta com esse riso inoportuno. Mas, leitora amada, talvez a senhora nunca visse cair um carteiro. Os deuses de Homero, – e mais eram deuses, – debatiam uma vez no Olimpo, gravemente, e até furiosamente. A orgulhosa Juno, ciosa dos colóquios de Tétis e Júpiter em favor de Aquiles, interrompe o filho de Saturno. Júpiter tropeja e ameaça; a esposa treme de cólera. Os outros gemem e suspiram. Mas quando Vulcano pega da urna de néctar, e vai coxeando servir a todos, rompe no Olimpo uma enorme gargalhada inextinguível. Por quê? Senhora minha, com certeza nunca viu cair um carteiro. (p. 98.)

Em *Dom Casmurro* (para não poucos o maior romance de Machado) quase não aparece a velha Grécia, mas ausente não está. A respeito de uma citação da Sagrada Escritura feita pelo Padre Cabral e tomada ao *Livro de Jó* (5, 18), diz o narrador:

“Ele fere e cura!” Quando, mais tarde, vim a saber que a lança de Aquiles também curou uma ferida que fez, tive tais ou quais veleidades de escrever uma dissertação a este propósito. Cheguei a pegar em livros velhos, livros mortos, livros enterrados, a abri-los, a compará-los, catando o texto e o sentido, para achar a origem comum do oráculo pagão e do pensamento israelita. (p. 56 da ed. Melhoramentos.)

Vale agora transcrever todo um pequeno capítulo (CXXV) relativo ao discurso beira-túmulo feito por Bentinho ao seu maior amigo e suposto corneador:

Príamo julga-se o mais infeliz dos homens, por beijar a mão daquele que lhe matou o filho. Homero é que relata isto, e é um bom autor, não obstante contá-lo em verso, mas há narrações exatas em verso, e até mau verso. Compara tu a situação de Príamo com a minha: eu acabava de louvar as virtudes do homem que recebera defunto aqueles olhos... É impossível que algum Homero não tirasse da minha situação muito melhor efeito, ou quando menos, igual. Nem digas que nos faltam Homeros, pela causa apontada em Camões; não, senhor, faltam-nos, é certo, mas é porque os Príamos procuram a sombra e o silêncio. As lágrimas, se as têm, são enxugadas atrás da porta, para que as caras apareçam limpas e serenas; os discursos são antes de alegria que de melancolia, e tudo passa como se Aquiles não matasse Heitor. (p. 275.)

O meu plano foi esperar o café, dissolver nele a droga e ingeri-la. Até lá, não tendo esquecido de todo a minha história romana, lembrou-me que Catão, antes de se matar, leu e releu um livro de Platão. Não tinha

Platão comigo; mas um tomo truncado de Plutarco, em que era narrada a vida do célebre romano, bastou-me a ocupar aquele pouco tempo, e, para em tudo imitá-lo, estirei-me no canapé. (p. 293.)

No romance *Esau e Jacó* não faltam alusões e reminiscências, várias delas da boca ou da pena do Conselheiro Aires (que muitos consideram a principal encarnação de Machado). Logo no início, falando das duas irmãs que tinham ido consultar a cartomante do Morro do Castelo e receberam um número a indicar a vez de serem atendidas, comenta o narrador:

Também não há que dizer do costume, que é velho e velhíssimo. Relê Ésquilo, meu amigo, relê as *Eumênides*, lá verás a Pítia, chamando os que iam à consulta: “Se há aqui helenos, venham, aproximem-se, segundo o uso, *na ordem marcada pela sorte...*” A sorte outrora, a numeração agora, tudo é que a verdade se ajuste à prioridade, e ninguém perca a sua vez de audiência. (p. 3 da ed. Garnier)

Deixando de lado o passo em que o Conselheiro declama o começo da *Ilíada*, acrescentando ser homenagem, digamos, de Homero a Paulo, e a seguir recita a abertura da *Odisséia*, atribuindo ao outro gêmeo, Pedro, o imortal poema (p. 136) - deixando-o de lado, atento no capítulo LXI, cujo título já traz a Grécia, “Lendo Xenofonte”:

Almoçou tranqüiço lendo Xenofonte: “Considerava eu um dia quantas repúblicas têm sido derribadas por cidadãos que desejam outra espécie de governo, e quantas monarquias e oligarquias são destruídas pela sublevação dos povos; e de quantos sobem ao poder, uns são depressa derribados, outros, se duram, são admirados por hábeis e felizes...” (...) Tudo isto em grego, e com tal pausa que ele chegou ao fim do almoço, sem chegar ao fim do primeiro capítulo. (pp. 192-193.)

Aqui um espírito maldoso vislumbraria certa pacholice no ex-aprendiz de tipógrafo, só possuidor de curso primário, nascido no Morro do Livramento. Sendo Aires um *alter ego* do autor, ler Xenofonte no original é *un peu fort...*

Numa tirada magnífica sobre o *encilhamento* (que, à p. 228, se nomeia), aquela falsa e trágica euforia econômica da aurora da República brasileira (1890-1892), encaixa nosso autor esta greguice, sugerida pelo exibicionismo dos novos-ricos:

As parelhas [das carruagens] arrancavam os olhos à gente; todas pareciam descer das rapsódias de Homero, posto fossem corcéis de paz. As carruagens também. Juno certamente as aparelhara com suas correias de ouro, freios de ouro, rédeas de ouro, tudo de ouro incorruptível. Mas nem ela nem Minerva entravam nos veículos de ouro para os fins da guerra contra Ílion. Tudo ali respirava a paz. Cocheiros e lacaios,

barbeados e graves, esperando tesos e compostos, davam uma bela idéia do ofício. Nenhum aguardava o patrão, deitado no interior dos carros, com as pernas de fora. (p. 230.)

Nos contos, que são muito numerosos e em que Machado exceu antes de ter chegado no romance à plenitude, nos contos, digo, também ocorrem não poucas reminiscências, alusões ou evocações da Antigüidade.

No célebre “O Alienista”, única peça longa e movimentada, em todo o elenco machadiano, o protagonista é o Dr. Simão Bacamarte, médico notável, recheado de ciência adquirida nos grandes centros do mundo. Afinal posto na Vila de Itaguaí, decidiu-se por identificar as diversas formas de demência, descobrir-lhes as causas e, conseqüentemente, a cura. Acaba ficando patente que o único louco da Vila era o doutor. Assim termina Machado a sua apresentação do herói:

um grande homem austero, Hipócrates forrado de Catão. (*Papéis Avulsos*, ed. Garnier, p. 67.)

Na “Teoria do Medalhão”, um pai zeloso vai ensinando ao filho de 21 anos como ele poderá chegar a este estágio “superior”. A certa altura da conversa, atalha o rapaz:

- Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo de quando em quando...

- Podes; puedes empregar umas quantas figuras expressivas: a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. (ibid., pp. 92-93.)

É obvio que aí se está fazendo caricatura e mofa; porém uma coisa e outra possuem a virtude de ressaltar o positivo, o autêntico, no caso, o alto valor da cultura séria e elaborada.

Na mesma coletânea temos “Uma visita de Alcibíades”, conto-fantasia, em que o narrador, lendo Plutarco, mergulha na Grécia e conversa com Alcibíades (pp. 237-248).

O livro *Histórias sem Data* abriga um “Conto Alexandrino”, onde dois sábios, Pítias e Stroibus, porfiam em isolar, no sangue dos ratos, o princípio da ratonice. E conseguem-no, tendo o primeiro injetado, cobaia espontânea, imediatamente surripiado uma idéia do colega. Daí por diante os dois, fartamente inoculados, se tornam ladrões agilíssimos e universais, em quem ninguém pode pôr mão. Interessante é notar que neste conto (como em outros passos) Machado foi profético, porque pressentiu que a degradação que então

se iniciava da inteligência chegaria ao ponto, hoje atingido, de atribuir, como causa, a distúrbios e carências fisiológicas muitas desordens morais.

Páginas Recolhidas oferece-nos em “Um Erradio” a rica figura de um boêmio, lido e inteligente, Elisário, que, espalhando-se tanta vez, se tornou alvo da maior admiração do narrador. Olhe-se este trecho:

Elisário entrou a comentar a bela obra anônima, com tal abundância e agudeza que me deixou ainda mais pasmado. Que de cousas me disse a propósito da Vênus de Milo, e da Vênus em si mesma! Falou da posição dos braços, que gesto fariam, que atitude dariam à figura, formando uma porção de hipóteses graciosas e naturais. Falou da Estética, dos grandes artistas, da vida grega, do mármore grego, da alma grega. Era um grego, um puro grego, que ali me aparecia e transportava de uma rua estreita para diante do Pártenon. A opa do Elisário transformou-se em clâmide, a língua devia ser a da Hélade, conquanto eu nada soubesse a tal respeito, nem então, nem agora. Mas era feiticeiro o diabo do homem. (p. 33 da ed. Garnier.)

Em “Eterno!”, outro conto do mesmo livro, damos com isto:

A aurora registrou o nosso pacto imoral. Não consenti que ele fosse a bordo despedir-se. Parti. Não falemos da viagem... Ó mares de Homero, flagelados por Euros, Bóreas e o violento Zéfiro, mares épicos, podeis sacudir Ulisses, mas não lhe dais as aflições do enjôo. Isso é bom para os mares de agora, e particularmente para aqueles que me levaram daqui à Bahia. (p. 63.)

Não nos passe despercebido que aí Machado, ao contrário da opinião comum, chama violento ao zéfiro. Mas ele está certo: trata-se de vento do oeste, habitualmente suave, mas eventualmente tempestuoso.

No esplêndido conto “Papéis Velhos”, damos com esta glosa de Dáfnis e Cloé:

Parece que o anjo L...a, exausto da perpétua antífona, ouviu cantar Dáfnis e Cloé [o autor pôs acento agudo na vogal final] cá em baixo, e desceu a ver o que é que podiam dizer tão melodiosamente as duas criaturas. Dáfnis vestia então uma casaca e uma comenda, administrava um banco, e pintava-se; o anjo repetiu-lhe a lição de Cloé; adivinha-se o resto. (p. 121.)

Relíquias de Casa Velha, cuja só metade é de contos, dá título grego a um deles, “Pílades e Orestes”, que é, de fato, uma complexa história de dois amigos inseparáveis, Quintanilha e Gonçalves, um dos quais acaba por casar-se e leva o outro para padrinho de núpcias e de dois filhos. O solteiro morre de uma bala perdida, por ocasião da Revolta da Armada (1893). E assim termina o conto, buscando analogia nas letras helênicas:

Orestes vive ainda, sem os remorsos do modelo grego. Píladés é agora o personagem mudo de Sófocles. Orai por ele! (p. 123 da ed. Garnier.)

Machado de Assis andou constante nos jornais da Corte, depois nos da República. Aí publicou poemas, folhetins (mais tarde recolhidos em romances), contos, ensaios, crítica literária e teatral, crônicas. Comentou acontecimentos do Brasil e do mundo, com muita liberdade, chiste e *humour*.

Deste cronista disse muito bem outro mestre da crônica:

Ninguém mais, neste século, e principalmente neste país, é capaz de escrever com aquela graça dançarina; ninguém mais é bastante sábio e bastante livre para começar sua crônica pelas rosas e borboletas do jardim, para emendá-las, com a lógica suprema do delírio, numa intimação da Intendência Municipal; e ninguém mais sabe compor aquela salada, a que se referia Montaigne, onde entram Voltaire, a instituição do júri, a carta que o Grão-Turco escreveu do próprio punho no jubileu do Papa, as saudades de Granada, algumas reflexões sobre o Corão, aplicadas logo após às eleições de Ubá, tudo isto envolto nos melhores molhos da língua e enfeitado com o creme destas considerações finais sobre um parecer dos síndicos da Geral... (Gustavo Corção, in Machado de Assis, *Obra Completa*, III, p. 235.)

Nestas crônicas, sobretudo nas do *Diário de Notícias*, “A Semana” (1892-1897), andou Machado à solta evocando os antigos dos dois pólos do Mediterrâneo. Aí é que dá asas mais largas ao vezo, muito seu, de, a propósito dos sucessos locais ou remotos, de pessoas e de conflitos, fugir para a Grécia ou para Roma, levado por fatais associações de idéias e imagens.

Claro que não vou trazer para aqui todos os lanços pertinentes. Atenção pedirei só para dois ou três, não necessariamente os melhores, mas adequados ao meu fim.

Vem ao caso, por exemplo, mostrar esta comparação da Grécia de 1892 com a antiga:

Sombra de Aristóteles, espectro de Licurgo, de Draco, de Sólon, e tu, justo Aristides, apesar do ostracismo, e todos vós, legisladores, chefes de governo ou de exército, filósofos, políticos, acaso sonhastes jamais com esta imensa banalidade de um gabinete que pede demissão? Onde estão os homens de Plutarco? Onde vão os deuses de Homero? Que é dos tempos em que Aspásia ensinava Retórica aos oradores? Tudo, tudo passou. Agora há um parlamento, um rei, um gabinete e um presidente de conselho, o Sr. Tricoupis, que ficou com a pasta de fazenda. Ouves bem, sombra de Péricles? Pasta da fazenda. E notais mais que todos

esses movimentos políticos se fazem, metidos os homens em casacas pretas, com sapatos de verniz ou cordovão, ao cabo de moções de desconfiança... (*A Semana*, ed. Garnier, p.7.)

Numa crônica de 18 de março de 1894, comentando uma escaramuça, que ele chama “batalha”, ocorrida a 13, episódio da Revolta da Armada, nosso autor longamente discreteia sobre a velha Grécia. Aí, detenho-me neste passo:

Todos os guerreiros me apareciam, com as armas homéricas, rutilantes e fortes, os seus escudos de sete e oito couros de boi, cobertos de bronze, os arcos e setas, as lanças e capacetes. Agamêmnon, rei dos reis, o divino Aquiles, Diomedes, os dois Ajax, e tu, artificioso Ulisses, enfrentando com Heitor, com Enéias, com Páris, com todos os bravos defensores da santa Ílion. Via o campo coalhado de mortos, de armas, de carros. As cerimônias do culto, as libações e os sacrifícios vinham temperar o espetáculo da cólera humana; e, posto que a cozinha de Homero seja mais substancial que delicada, gostava de ver matar um boi, passá-lo pelo fogo e comê-lo com essa mistura de mel, cebola, vinho e farinha, que devia ser mui grata ao paladar antigo. (p. 121.).

A propósito de um Sr. Lopes Neto, provavelmente “o primeiro brasileiro que se deixou queimar”, envereda Machado por estas considerações:

São gostos, são costumes. De mim confesso que tal é o medo que tenho de ser enterrado vivo, e morrer lá em baixo, que não recusaria ser queimado cá em cima. Poeticamente a incineração é mais bela. Vede os funerais de Heitor. Os troianos gastam nove dias em carregar e amontoar as achas necessárias para uma imensa fogueira. Quando a Aurora, sempre com aqueles seus dedos cor de rosa, abre as portas ao décimo dia, o cadáver é posto no alto da fogueira, e esta arde um dia todo. Na manhã seguinte, apagadas as brasas, com vinho, os lacrimosos irmãos e amigos do magnânimo Heitor coligem os ossos do herói e os encerram na urna, que metem na cova, sobre a qual erigem um túmulo. Daí vão para o esplêndido banquete dos funerais no palácio do Rei Príamo.

Bem sei que nem todas as incinerações podem ter esta feição épica; raras acabarão um livro de Homero, e a vulgaridade dará à cremação, como se lhe chama, um ar chocho e administrativo. (p. 280.)

Quanto ao segundo e ao terceiro itens justificadores da atitude clássica de Machado de Assis, dispense-me de comprová-los, seja pela extensão do que foi posto aqui, seja por já terem ficado obliquamente documentados. Eu acrescentaria somente que, apostado sempre em testemunhar a civilização do universal, ele, com extrema frequência, traz à colação a Bíblia, Antigo e Novo Testamento.

Atrás ficou dito que, digamos, a “mania” grega de Machado o acompanhou até os últimos dias. Permito-me transcrever um trecho de preciosa carta escrita a Mário de Alencar em 21 de janeiro de 1908, quase exatamente oito meses antes da morte, ocorrida a 29 de setembro. Aí, o mestre incentiva muito o “querido amigo” a prosseguir na preparação e feitura de um projetado poema, em versos brancos, *Prometeu*. E acrescenta:

Agora, ao levantar-me, apesar do cansaço de ontem, meti-me a reler algumas páginas do *Prometeu* de Ésquilo, através de Leconte de Lisle; ontem entretive-me com o *Fédon* de Platão, também de manhã; veja como ando grego, meu amigo! Oxalá possa chegar a ver parte que seja do seu trabalho. (*Obra Completa*, III, pp. 1085-1086.)

E, para rematar com chave de ouro, esta “confissão”, de quatorze anos antes, numa crônica do *Diário de Notícias*, 11 de novembro de 1894, comparando acontecimentos da Bahia com os da Grécia contemporânea:

A antiguidade cerca-me por todos os lados E não me dou mal com isso. Há nela um aroma que, ainda aplicado a cousas modernas, como que lhes troca a natureza. Os bandidos da atual Grécia, por exemplo, têm melhor sabor que os clavinoteiros da Bahia. Quando a gente lê que alguns sujeitos foram estripados na Tessália ou Maratona, não sabe se lê um jornal ou Plutarco. Não sucede o mesmo com a comarca de Ilhéus. Os gatunos de Atenas levam o dinheiro e o relógio, mas em nome de Homero. Verdadeiramente não são furtos, são reminiscências clássicas. (*A Semana*, pp. 170-171.)

BIBLIOGRAFIA

Salvo indicação em contrário, os textos alegados de Machado de Assis tomei-os às edições originais, Garnier, reproduzidas por estereotipia até o fim da década de vinte. Passo agora a identificar a fonte de outras citações.

Assis, J. M. Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro - Paris, Livraria Garnier, 1910.

Dom Casmurro. Apuração do texto, revisão, introdução e notas por Maximiano de Carvalho e Silva. S. Paulo, Edições Melhoramentos, 1966.

Obra Completa. (...) 3 volumes. Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1971, 1974, 1973.

Ceriani, Grazioso et alii. *Heresias do Nosso Tempo*. Prefácio de Dom Giovanni Rossi. (Tradução portuguesa de Antônio Marques). Porto, Livraria Tavares Martins, 1956.

Cohen, Gustave. *La Grande Clarté du Moyen Age*. Paris, Gallimard, 1945.

Febvre, Lucien *et alii*. *Civilisation, le Mot et l'Idée*. Paris, La Renaissance du Livre, 1930.

Franca, Leonel. *A Crise do Mundo Moderno*. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1941.

Pichon, René. *Histoire da la Littérature Latine*. Paris, Librairie Hachette, 1947.

(In *Carta Mensal*, Rio de Janeiro, set. 1988, pp. 48-58.)